



## VITIMIZAÇÃO POR CRIME E APOIO À DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA

### Crime victimization and support for democracy in Latin America

### Victimización del crimen y apoyo a la democracia en América Latina

Anna Clara Gomes Martins Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** A América Latina é uma região que vivenciou diversas experiências autoritárias durante os anos 1960, o que gerou várias consequências sociais, históricas e culturais. Aliado a isso, a violência e criminalidade aumentaram significativamente em diversos países após a redemocratização, além de as instituições democráticas receberem baixos índices de apoio e confiança. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre vitimização por crime, ou seja, ter sido vítima de crimes como roubo, agressão física, assalto, sequestro relâmpago, fraude, chantagem, extorsão, ameaças violentas ou qualquer outro tipo de crime, com apoio à democracia no cenário latino-americano. A metodologia de pesquisa utilizada será a quantitativa, com análise de dados estatísticos presentes no Latin America Public Opinion Project (LAPOP) na rodada 2018/2019. A partir dos resultados obtidos, foi possível compreender se ser vítima de crime na América Latina, nos anos estudados, impacta diretamente o grau de adesão ao regime político, além de verificar se esse arranjo institucional, com todas as suas limitações, ao tentar resolver problemas de violência e criminalidade, impacta negativamente o apoio à democracia.

**Palavras-chave:** Democracia; América Latina; Apoio; Violência; Criminalidade.

**Abstract:** Latin America is a region that experienced several authoritarian experiences during the 1960s, which generated several social, historical and cultural consequences. In addition, violence and crime increased significantly in several countries after the redemocratization, in addition to democratic institutions receiving low levels of support and trust. In view of this, this article aims to analyze the relationship between victimization by crime, that is, having been a victim of crimes such as robbery, physical assault, assault, express kidnapping, fraud, blackmail, extortion, violent threats or any other type of crime, with support for democracy in the Latin American scenario. The research methodology used will be quantitative, with analysis of statistical data present in the Latin America Public Opinion Project (LAPOP) in the 2018/2019 round. Based on the results obtained, it was possible to understand whether being a victim of crime in Latin America, in the years studied, directly impacts the degree of adherence to the political regime; in addition to verifying whether this institutional

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [annacgms13@gmail.com](mailto:annacgms13@gmail.com)

**Artigo submetido em: 05 de junho de 2024**  
**Artigo aceito em: 16 de setembro de 2024**  
**Artigo publicado em: 28 de outubro de 2024**



arrangement, with all its limitations, when trying to resolve problems of violence and crime, negatively impacts support for democracy.

**Keywords:** Democracy; Latin America; Support; Violence; Crime.

**Resumen:** América Latina es una región que vivió varias experiencias autoritarias durante la década de 1960, que generaron varias consecuencias sociales, históricas y culturales. Además de esto, la violencia y el crimen aumentaron significativamente en varios países después de la redemocratización, además de que las instituciones democráticas recibieron bajos niveles de apoyo y confianza. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo analizar la relación entre la victimización por delito, es decir, haber sido víctima de delitos como robo, agresión física, asalto, secuestro, estafa, chantaje, extorsión, amenazas violentas o cualquier otro tipo de delito, con apoyo a la democracia en el escenario latinoamericano. La metodología de investigación utilizada será cuantitativa, con análisis de datos estadísticos presentes en el Proyecto de Opinión Pública de América Latina (LAPOP) en la ronda 2018/2019. A partir de los resultados obtenidos se pudo comprender si ser víctima de la delincuencia en América Latina, en los años estudiados, impacta directamente en el grado de adhesión al régimen político; además de verificar si este arreglo institucional, con todas sus limitaciones, al intentar resolver problemas de violencia y criminalidad, impacta negativamente en el apoyo a la democracia.

**Palabras-clave:** Democracia; América Latina; Apoyo; Violencia; Delito.

## **Introdução**

A democracia é um regime político que sempre foi foco de análise e discussões, desde a sua origem, até os dias atuais no século XXI. Nesse sentido, esse modelo político não possui apenas um conceito para defini-lo como regime, o que se encontra são diversos conceitos, que possuem pontos em comum, do que seria esse modelo. Esse regime político pode ser entendido, no conceito de Norberto Bobbio (1986) no livro “Futuro da democracia” como “Para ele, a democracia é, no essencial, um método de governo, um conjunto de regras de procedimento para a formação das decisões coletivas, no qual está prevista e facilitada a ampla participação dos interessados” (Nogueira, 1986, p. 5). Atualmente, há uma maior crescente de países que são considerados uma democracia. Segundo Nicolau (2018) a partir de uma pesquisa realizada pela Polity Project, no ano de 2015 há 103 países em que a democracia é o regime político que vigora, abrigando 56% da população, ao passo que em 1985 eram apenas 42% concentrando 20% da população mundial. Nesse sentido, nota-se como mais países ao longo dos anos optaram por adotar a democracia como regime político sendo que, o último fenômeno de transição, ou tentativa, para este regime destacado por Nicolau (2018) foi a Primavera Árabe entre os anos de 2010 a 2011.

Nesse cenário, a maioria dos países da América Latina são considerados como regimes políticos democráticos no século XXI; porém, essa não era a realidade vivida no século

passado. Durante os anos 1960 e 1970, a região vivenciou diversas experiências ditatoriais e autoritárias em que os direitos garantidos pela democracia foram suprimidos, apenas com o seu fim, por volta da década de 1980 foi possível que os regimes democráticos voltassem a vigorar na América Latina. Devido a essa experiência autoritária, vivida na região, diversas consequências sociais, históricas e culturais foram geradas, o que viria a impactar diretamente em vários aspectos posteriormente.

Contraditoriamente a essa situação, após o processo de redemocratização e até os dias atuais, a violência e a criminalidade na região latino-americana atingiram índices altos em várias cidades. Uma demonstração clara é uma pesquisa feita por Mejías (2022) que abordava sobre a violência na região latino-americana, a autora demonstra que essa região é configurada como uma das mais violentas do mundo, pois, há uma concentração de 37% dos homicídios de todo o planeta. Além disso, um dado importante destacado por Mejías (2022) é de que, a região da América Latina tem uma taxa de 21,5 homicídios por 100.000 habitantes, que ao comparar com uma média global se torna três vezes maior.

Adicionalmente a essa questão, as crises que ocorrem no final do século XX e ao longo do século XXI em toda a região latino-americana impactam diretamente a relação do povo com a democracia. Variados são os motivos que geraram crises na região, sendo os principais, relacionados a problemas econômicos ou sociais e a determinados temas que acabam gerando insatisfações e limitam o funcionamento do Estado Democrático de Direito.

Os estudos realizados por Casalecchi (2016), com a coleta de dados relativos à opinião pública do Barômetro das Américas de 2006 a 2014, produzido pelo LAPOP, demonstram resultados importantes para se pensar as atitudes políticas na região. Para ele, as atitudes democráticas na América Latina possuem uma grande variação, em que "os percentuais de preferência, compromisso e apoio aos princípios eleitorais, participativos e à tolerância são diferentes, revelando que nem todos têm o mesmo apreço dos latino-americanos." (Casalecchi, 2016, p. 60).

Além disso, o autor esclarece o perfil democrático dos cidadãos latino-americanos e percebe um alto índice de democratas instáveis (32,5%) e de autoritários passivos (16,5%). Isso acaba por gerar uma preocupação, já que, percebe-se na América Latina uma tendência

dos cidadãos a possuírem atitudes passivas, com baixo apoio e confiança no regime democrático presente na região.

Com isso, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre vitimização por crime, ou seja, ter sido vítima de crimes como roubo, agressão física, assalto, sequestro relâmpago, fraude, chantagem, extorsão, ameaças violentas, ou qualquer outro tipo com apoio à democracia no cenário latino-americano. O artigo irá se desenvolver em quatro partes: a primeira parte será voltada a uma abordagem teórica histórica acerca da democracia na América Latina, a partir da análise de alguns autores.

Em um segundo momento, será discutido, também teoricamente, sobre o comportamento político e as atitudes políticas dos cidadãos latino-americanos. No terceiro momento, será dissertado sobre a violência e criminalidade na América Latina, principalmente voltado ao aspecto de confiança nas instituições democráticas. Por fim, terá uma análise de dados estatísticos do Barômetro das Américas, produzido pelo Latin America Public Opinion Project (LAPOP)<sup>2</sup> na rodada 2018/2019 que ilustrarão melhor como é o panorama de apoio à democracia na região.

O LAPOP é um centro de pesquisa internacional, presente na Vanderbilt University, que utiliza abordagens científicas e métodos para realizar estudos de comportamentos políticos e opinião pública. O maior projeto de pesquisa do LAPOP é o *Americas Barometer* (Barômetro das Américas), que utiliza um estudo de opinião pública em 34 países do Hemisfério Ocidental. O LAPOP foi fundado em 2004 pelo Dr. Mitchell A. Seligson, e atualmente possui como diretora a Dra. Elizabeth J. Zechmeister.

### **Processo histórico da democracia na América Latina**

A história da democracia na América Latina é caracterizada principalmente por ser recente ou “nova”. Isso se deve ao fato de que, durante os anos de 1960 e 1970, a região vivenciou diversas experiências ditatoriais e autoritárias, em que os direitos garantidos pela democracia foram suprimidos e apenas com o seu fim, por volta da década de 1980, foi possível que os regimes democráticos voltassem a vigorar na América Latina, na qual Rennó

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.vanderbilt.edu/lapop/about-americasbarometer.php>

e outros autores (2011, p. 3), no livro *Legitimidade e Qualidade da Democracia no Brasil: Uma Visão da Cidadania*, descrevem esse momento como:

Nos anos 60 e 70, principalmente no Cone Sul, os regimes democráticos de então ruíram frente a um cenário internacional bipolar, marcado pela Guerra Fria, e um quadro doméstico radicalizado e permeado por impasses profundos. O caminho de então foi a queda da democracia, em prol de um regime voltado para o alinhamento inquestionável com o hegemônio hemisfério norte-americano e que estabelecesse a ordem interna, custe o que custasse. O resultado foram regimes autoritários violentos e excludentes no Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, que calaram, torturaram, mandaram para o exílio ou mataram a oposição. Diminuindo assim as formas de participação popular e aprofundaram o histórico fosso econômico e social que apartava, e segue apartando, os cidadãos desses países. (Rennó, Smith, Layton e Batista-Pereira, 2011, p.3)

Nesse sentido, Rennó et al. (2011) entendem que, em regimes autoritários violentos, as formas de participação foram diminuídas, além de gerar grandes crises econômicas e sociais. Nessa sequência, Moisés (1995) esclarece que, nas experiências de democratização diferente das regiões como Inglaterra e Suécia, na América Latina ocorre um caso diferente em que há um certo nível de imperfeição derivado das heranças autoritárias. O autor entende que, devido às mudanças políticas recentes, não houve uma ruptura completa em relação à realidade anterior, gerando, portanto, traços de autoritarismo contínuos além de uma transição marcada pelos regimes políticos, no caso específico da região, "mistos" ou "híbridos".

Ainda assim, sobre essa descrição histórica para Marta Lagos (2000, p. 3) é notório como as marcas de regimes autoritários deixaram nos cidadãos e na sua posterior relação com a democracia na América Latina, já que, uma democracia necessita de um determinado tempo para que se estabeleça com a sociedade, fazendo com que muitas pessoas possam ter certa "saúde" do regime anterior. Além do que, para que essa situação ocorra, é necessário também um longo período sem crises, mas não é o que ocorre no caso da região latino-americana.

Nesse contexto, como pontuado pela autora, um dos exemplos de crises vivenciadas pela região da América Latina, a maioria dos países teve que lidar com os problemas econômicos herdados dos regimes militares anteriormente. Isso gerou crises econômicas, nas quais, dentre as medidas para a solução — ou seja, uma reforma econômica visando um maior crescimento econômico — seriam a privatização, a liberalização no mercado e a eliminação das barreiras comerciais. Com isso, ainda segundo a autora: “Democracias novas ou

reestabelecidas têm tido que desenvolver simultaneamente as reformas econômica e política” (LAGOS, 2000, p. 4), nas quais, conseqüentemente, para atingir crescimento e estabilidade econômica, é necessário possuir bases institucionais sólidas. Para a sociedade, a solidez da democracia não é apenas uma função de um crescimento econômico.

Portanto, é perceptível, como exposto, que a democracia na região da América Latina é marcada por diferentes características e configurações quando analisada de uma abordagem do processo histórico. Isso é devido a algumas pontuações como a herança dos regimes autoritários, que fez a sociedade também herdar comportamentos e atitudes políticas que se refletem no funcionamento da democracia. Além de que, também, essa democracia na região presenciou vários momentos de crise, sendo a principal a crise econômica, que também atrapalharam nesse processo de consolidação do regime político. Isso impacta diretamente o regime, já que, para o estabelecimento da democracia é necessário vivenciar longos momentos sem crises, fazendo com que os cidadãos possuam maior confiança e aceitação pelo regime, mas não é o que ocorre na América Latina.

Nessa configuração, faz-se necessário aprofundar a discussão sobre como todas essas heranças presentes na região latino-americana, incluindo a ibérica, fizeram a dinâmica democrática se tornar diferente. Conclui-se, portanto, como se dá a caracterização do cidadão segundo fatores históricos e o porquê de uma desconfiança e insatisfação política com o regime vigente, que se perpetua há anos. Todos esses apontamentos servirão de base para a discussão sobre o comportamento e as atitudes políticas dos cidadãos latino-americanos, bem como sua adesão à democracia e o compromisso democrático dos mesmos.

### **Comportamento político e atitudes políticas na América Latina**

O comportamento político e as atitudes políticas são categorias de análise presentes nos estudos de cultura política, que, segundo Baptista (2016, p. 665, apud Almond; Verba, 1963, p. 12-13), “o termo cultura política se refere a um conjunto de orientações e atitudes políticas compartilhadas pelos indivíduos de uma sociedade em relação ao sistema político e aos papéis que os mesmos assumem enquanto atores políticos.” Isso implica que os estudos de cultura política buscam entender que tipo de cultura favorece ou prejudica, no caso, uma

democracia, e também entender quais são os elementos culturais que influenciam a política ou não.

Nesse sentido, considera-se, portanto, que as heranças ibéricas e espanholas no processo de colonialismo e as consequências subsequentes do regime autoritário na região deixam marcas culturais irreversíveis nessas sociedades. Com esse contexto histórico, Lagos (2000) esclarece que:

Dada a história da região, com seu legado do colonialismo espanhol (assim como o português), seguido pelo regime dos grandes proprietários de terra e a prevalência da pobreza e do autoritarismo, não é surpreendente reconhecer a origem das tendências comuns que os latino-americanos desenvolveram como consequência: permanecer em silêncio com relação aos seus sentimentos e intenções verdadeiros, e enfatizar as aparências. Silêncio e aparência - gêmeos da desconfiança - têm sido historicamente uma ferramenta crucial para sobrevivência. Os hábitos de ficar em silêncio e manter as aparências embasam atitudes, opiniões e comportamentos que são o centro do espírito latino-americano. Paz descreveu essa atitude como uma “máscara sorridente”. (LAGOS, 2000, pg. 2)

A autora, ao decorrer de sua obra, disserta sobre uma “máscara sorridente” na qual a mesma caracteriza o cidadão latino-americano. A partir dessa perspectiva, Lagos (2000) argumenta que os aspectos controversos da situação política democrática atual não devem ser atribuídos somente à democracia, mas sim a essa “máscara”. Segundo a autora, essa máscara sorridente está relacionada a uma atitude cínica, aliada a um comportamento de fingir que está bem em todos os momentos. Com isso, a autora entende que essa dinâmica permanecerá no mesmo lugar, mas o problema está inserido a partir do momento em que os cidadãos são passivos, com uma cultura submissa.

Segundo as análises estatísticas apresentadas por Lagos (2000), os cidadãos dizem que a democracia é a melhor forma de governo, porém não acreditam fielmente nessa afirmação, ou não fazem ações democráticas para comprovar o mesmo. Ou seja, esses cidadãos não estão satisfeitos com a democracia, e essa falta de ações democráticas baseia-se em uma desconfiança nas instituições públicas e privadas e nos políticos, não acreditando que a participação através do voto na política gerará resultados. Essas perspectivas demonstram um dos problemas centrais: a afirmação de que a democracia tem encontrado aceitação, mas não satisfação.

Isso está relacionado a um comportamento de cidadãos passivos com cinismo, que priorizam suas ações individuais e não o coletivo, além de terem uma desconfiança interpessoal e nas instituições. Aliado a isso, Putnam (1997) esclarece que a confiança reforça os mecanismos de cooperação e, portanto, favorece a confiança nas instituições políticas, então, não existindo a confiança essa relação se torna difícil, fazendo com que a democracia passe por instabilidade e problemas. Todas essas informações esclarecem como a relação dos cidadãos latino-americanos com a democracia é de muita contradição e desconfiança, dificultando, assim, um apoio completo e satisfatório.

Além disso, ainda nessa perspectiva, tomando como referência o quanto a democracia na América Latina é recente, podemos pontuar analogicamente que o apoio à democracia e a confiança nas instituições nessa região se configuram de maneira distinta e extremamente complexa. Isso se deve ao fato de que os latino-americanos são considerados contraditórios: dizem que a democracia é a melhor forma de governo, porém não estão satisfeitos com o regime em si, não apoiam as instituições e não aderem tanto à participação e à tolerância política.

Casalecchi (2016) aponta que a adesão à democracia ocorre de forma multidimensional, já que, mesmo podendo aderir à democracia de forma ampla, no caso latino-americano, os cidadãos só aderem a algumas dimensões e também optam por não aderirem a algumas dimensões específicas como a participação e a tolerância política. Em outras palavras, o apoio na América Latina à democracia é difuso.

Nos estudos de apoio político surge o conceito de “apoio difuso”, desenvolvido por Easton (1975)<sup>3</sup> e interpretado por Éder Gimenes (2011) como:

Consiste num reservatório de atitudes favoráveis que auxiliam os cidadãos a aceitar ou tolerar ações as quais se opõem ou os efeitos que eles veem como prejudiciais aos seus desejos de modo que o desempenho das autoridades várias, geralmente, mais que o apoio difuso. (GIMENES, 2011. p.37)

Casalecchi (2016), ao analisar os estudos sobre apoio político, também de Easton (1965), aponta que o conceito do mesmo se torna uma justificativa para a interpretação de que as pessoas gostam da democracia, mas não gostam das instituições. Com isso, Casalecchi (2016, p. 46) também acredita que há, na América Latina, um compromisso democrático ao

---

<sup>3</sup> Conceito disponível no artigo: A re-assessment of the concept of political support.

invés de uma preferência democrática, ou seja, os cidadãos preferem a democracia até onde estão dispostos a manter esse posicionamento.

Além disso, o autor especifica que os estudos estatísticos levantados são possíveis de entender como que, para medir a força do apoio à democracia, deve-se perguntar: “não somente sobre a preferência pela democracia, mas também a sua disposição em rejeitar alternativas autoritárias diante de cenários desfavoráveis, de crises econômicas, políticas e sociais”. Isso leva a concluir que a região latino-americana possui uma instabilidade com um compromisso democrático baixo, em que se adere à democracia, mas em algumas dimensões apenas.

### **Violência e criminalidade na América Latina**

Uma categoria necessária para análise é como se desenvolve a violência e a criminalidade na América Latina. Apesar de haver vários fatores e autores que tentam explicar e entender por que há um alto índice de violência e criminalidade na região, serão expostos dois fatores importantes. Sendo eles a compreensão de como esse problema, principalmente o da violência, surge e como são caracterizados esses tipos de violência; ou seja, em toda a região, quais seriam os crimes ou tipos de violência mais recorrentes.

Para toda essa complexa relação, Misse (2019) destaca que a América Latina é a que produz um terço dos homicídios do mundo, mesmo a região não concentrando uma grande localização da população mundial. Uma das explicações destacadas pelo autor, que leva a entender o grande problema que está diretamente relacionado à violência, é a relação do Estado com a sociedade. Na realidade, entende-se que:

É preciso reconhecer uma disjunção – diferencial entre os países analisados- entre Estado e Sociedade. É essa disjunção, a meu ver, que explica em grande parte os níveis de corrupção na América Latina. Sem compreendê-la, fica também difícil compreender a persistência dos mercados informais e ilegais. Essa disjunção resulta dos altos níveis de desigualdade social e pobreza, que alimentam alternativas aquisitivas vantajosas, ainda que ilegais, nessas sociedades e problemas de legitimação do Estado na América Latina, mesmo sob regimes democráticos. (Misse, 2019, p.24)

A partir da informação acima, entende-se que, na realidade, há uma separação entre Estado e Sociedade. São elementos que, segundo o autor, não caminham juntos, e esse fator acaba prejudicando como o Estado irá lidar com a questão da violência. Outro fator é que

Misse (2019) entende que, na região, existe uma quantidade grande de grupos armados que estão vinculados a mercados ilegais, o que torna um conflito iminente com as forças estatais. Isso se traduziria, na visão do autor, em uma região que há números de mortes similares a conflitos de guerra, sem que propriamente dito, ou como é destacado: “Temos batalhas, mas não temos guerra. Temos crimes, mas não temos Estado capaz de controlá-los ou regulá-los a níveis aceitáveis.” (Misse, 2019, p. 24)

Ainda nesse sentido, Tavares dos Santos (2002) apresenta quais seriam as formas de violência que estão presentes na região latino-americana no início do século XXI. O autor descreve três formas dessa violência, sendo a primeira vinculada como:

Em primeiro lugar, verifica-se a realização de uma violência estrutural (Adorno), decorrente de características da estrutura social e econômica dos países latino-americanos desde a década de 1990: concentração da propriedade da terra, efeitos das políticas de ajuste estrutural, corrupção, concentração de renda, desigualdade social. (Tavares dos Santos, 2002, p. 19)

Já a segunda forma está conectada a uma violência criminal urbana que aumentou ao longo dos anos, isso devido a fatores como o amplo uso de armas de fogo e a presença do crime organizado, seja relacionado ao tráfico de drogas ou ao comércio de armas ilegais, que provocam aumento no número de homicídios decorrentes de ambos os atos. A terceira e última forma está relacionada aos conflitos sociais agrários, nos quais “as quais se manifestam como forma de dominação que se exerce pelo silêncio temeroso ou como violência política contra os agentes das lutas pela posse ou propriedade da terra” (Tavares dos Santos, 2002, p. 20).

Apesar de a pesquisa de Tavares dos Santos ter sido desenvolvida no início do século XXI, é perceptível como essa dinâmica permanece ao decorrer do século. Com o desenvolvimento das cidades e dos grandes centros urbanos, todas as questões da violência e criminalidade se tornaram evidentes e crescentes. Seja por crimes organizados, violências armadas, crimes contra o patrimônio, que seriam furto, roubo, estelionato, entre outros, e até as agressões e ameaças, demonstram um retrato do que a sociedade tem demonstrado.

Um dos entendimentos é que esse retrato pode estar diretamente relacionado com a desigualdade social e econômica, que é muito presente na região, já que o mesmo, segundo Briceño-León (2002), e o empobrecimento originaram a violência urbana. Então, sejam quais

forem os motivos, é um tópico que merece destaque e atenção, pois é preocupante como, ao passar dos anos, os índices de violência e criminalidade só tendem a aumentar na região.

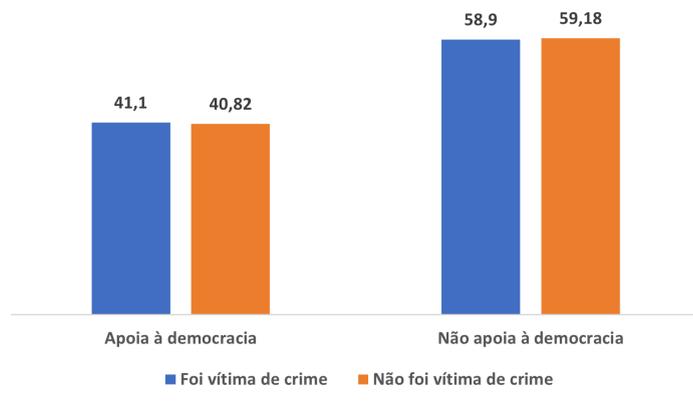
### **Análise estatística da relação entre vitimização por crime e apoio à democracia**

Nesta seção, serão destacados dados estatísticos coletados que analisaram se há uma relação direta entre ser vítima de crime e apoiar a democracia na América Latina. A análise, neste momento, recorre à metodologia quantitativa de pesquisa, através do levantamento e análise de dados estatísticos disponibilizados no LAPOP, através do projeto Barômetro das Américas, nos anos de 2018 e 2019.

Portanto, serão utilizadas as variáveis dependentes “ING4”, “JC10” e “PN4”, que levantam as seguintes opiniões dos entrevistados: se “A democracia tem problemas, mas é melhor do que qualquer outra forma de governo?”, “Na sua opinião, quando há muito crime, se justificaria que os militares tomassem o poder através de um golpe de Estado?” e “De uma maneira geral, você está muito satisfeito(a), satisfeito(a), insatisfeito(a) ou muito insatisfeito(a) com o funcionamento da democracia?”.

Para explicar a variação destas variáveis relativas à satisfação com a democracia e seu apoio na região latino-americana em função da vitimização por crime, como variável independente, tem-se “VICEST”, que questiona: “Quantas vezes você foi vítima de crime nos últimos 12 meses?”. Dessa forma, a análise estatística a partir do banco de dados do LAPOP (2018/2019), pelo cruzamento das variáveis consolidadas em gráficos, permite a compreensão e a análise se pessoas que foram vítimas de crime possuem ou não menor chance de apoiar a democracia na América Latina.

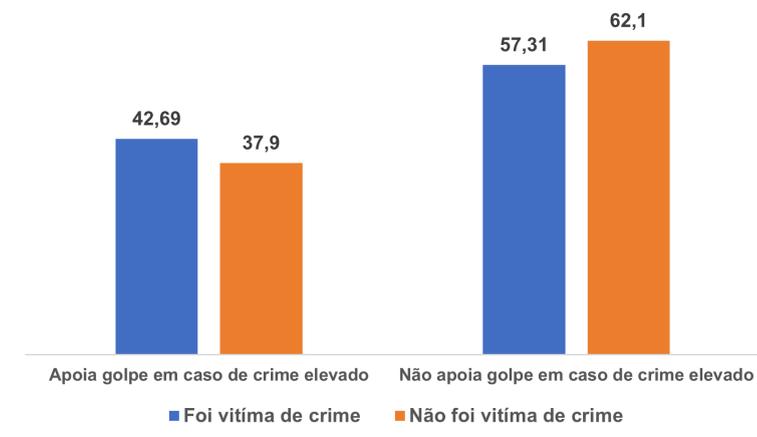
**Gráfico 1 – Apoio à democracia e vitimização por crime (em %)**



Fonte: a autora (2024) Nota: adaptado de Lapop (2018-2019)

O gráfico 1 acima analisa as variáveis “ING4”, que diz respeito a “Apoio à democracia”, e “VICEST”, que foi adaptada a “Vitimização por crime”, ou seja, quantas vezes a pessoa foi vítima de crime nos últimos 12 meses. Os dados demonstram que a porcentagem de pessoas que foram vítimas de crime e a das que não foram vítimas de crime é maior no caso de não apoio à democracia do que de apoio à democracia. Porém, é perceptível como os índices percentuais, em ambos os casos, estão numericamente muito próximos e que as pessoas que não foram vítimas de crime tendem a não apoiar a democracia. Sendo assim, é possível concluir que não há uma relação direta e clara que poderia exemplificar a relação entre ser vítima de crime e apoiar a democracia.

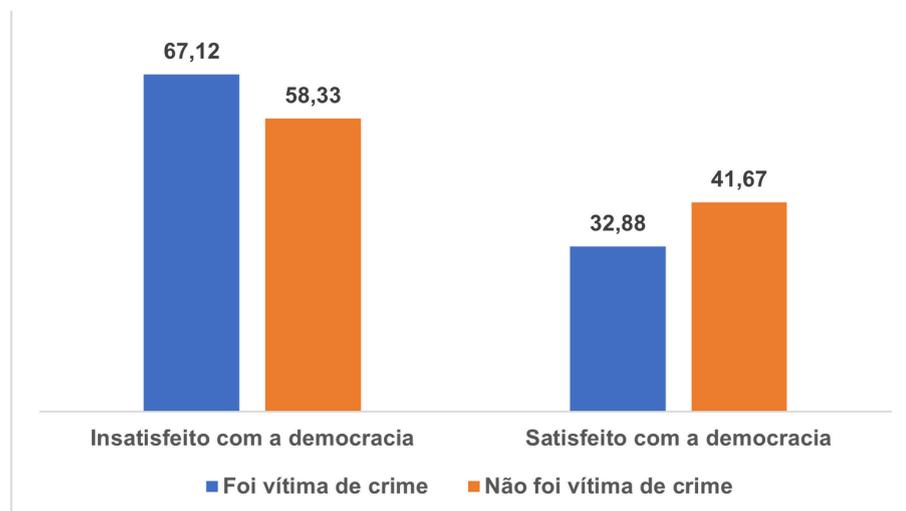
**Gráfico 2 – Apoio a golpe em caso de crime elevado e vitimização por crime (em %)**



Fonte: a autora (2024) Nota: adaptado de Lapop (2018-2019)

No gráfico 2, as variáveis analisadas foram a “JC10”, que foi ressignificada como “Apoio a golpe em caso de crime elevado”, e, novamente, a variável “VICEST”, que aborda se o cidadão foi vítima de crime ou não. Como exposto na imagem acima, as pessoas que foram vítimas e as que não foram vítimas de crimes se expressam em um valor maior ao não apoiar um golpe em caso de crime elevado, se comparado ao caso em que as pessoas apoiaram um golpe. Mesmo assim, o número maior em destaque no gráfico é de que as pessoas que não foram vítimas de crime não apoiam um golpe em caso de crime elevado, demonstrando, também, como a relação entre ambas as variáveis não demonstra exemplificações diretas entre ser vítima de crime e apoiar ou não a democracia.

**Gráfico 3 – Satisfação com a democracia e vitimização por crime (em %)**



Fonte: a autora (2024) Nota: adaptado de Lapop (2018-2019)

Por fim, ao se analisar o gráfico 3, é possível perceber uma mudança significativa em relação às outras variáveis analisadas anteriormente. Nesse caso, ao analisar as variáveis “PN4”, que aborda sobre a “Satisfação com a democracia”, e, novamente, a “VICEST”, percebe-se que as pessoas que foram vítimas de crime demonstram estar mais insatisfeitas com a democracia. No outro caso, ao comparar as pessoas que foram vítimas de crime e estão satisfeitas com a democracia, ela se expressa em um valor quantitativamente inferior. Demonstra-se, assim, portanto, que pessoas que foram vítimas de crime tendem a estar, nesse caso, insatisfeitas com a democracia, reduzindo, assim, consequentemente, o apoio a esse regime.

## **Considerações finais**

Então, é perceptível como uma das características presentes na região latino-americana é a de possuir altos índices de violência e criminalidade, seja quais forem os fatores que desencadeiam tal fato. Além disso, como os cidadãos veem e apoiam a democracia na América Latina também é um fator bastante relevante. Então, a partir das considerações teóricas, é perceptível como a democracia na América Latina é recente, e é possível pontuar analogicamente como o apoio à democracia e a confiança nas instituições dessa região se configuram de uma maneira distinta.

Isso porque os latino-americanos são considerados contraditórios por dizerem que a democracia é a melhor forma de governo, porém não estão satisfeitos com o regime em si e possuem um comportamento passivo e de não apoio às instituições, não aderindo tanto à participação e à tolerância política. Outro fator se refere a como os cidadãos possuem uma cultura submissa e são passivos quando se referem a questões de decisões e participações efetivas na democracia.

Através das análises estatísticas a partir dos dados do LAPOP e do cruzamento das variáveis, percebe-se que, quando se trata de uma pergunta direta, como nas variáveis “ING4”, a tendência é que se responda o que é socialmente desejável. Diferentemente de quando se fazem questionamentos mais práticos e desafiantes, e críticos como é o caso da “JC10”. Entretanto, quando se trata da satisfação com o regime, os altos números de ocorrência de crime e violência são capazes de fomentar a insatisfação com a democracia, confirmando a hipótese de que a vitimização por crime fragiliza o apoio democrático, podendo fomentar tendências de ter atitudes autoritárias em um contexto de democracia latino-americana recente, instável e com crime geralmente elevado

## **Referências**

- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 171 p. Tradução de: Marco Aurélio Nogueira.
- BRICEÑO-LEÓN, R. La nueva violencia urbana de América Latina. In: Sociologias. Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez de 2002.

- BAPTISTA, Leonardo. O conceito de cultura política: das origens na ciência política norte-americana à historiografia contemporânea. Anais do V Encontro Internacional, Vitória, p. 664-667, 20 jan. 2016.
- CASALECCHI, Gabriel Ávila. Legado democrático e atitudes democráticas na América Latina: efeitos diretos, indiretos e condicionais. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- EASTON, D. A re-assessment of the concept of political support. *British Journal of Political Science*, Cambridge, v. 5, n. 4, 1975. pp. 435-457.
- GIMENES, Éder Rodrigo. Cultura política e democracia: apoio difuso e específico entre um segmento da elite não estatal do município de Maringá (PR). Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- LAGOS, Marta. A máscara sorridente da América Latina. *Opinião Pública*, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2000.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A, 2018. 270 p. Tradução de: Renato Aguiar.
- MEJÍAS, Sonia Alda. Dimensiones y perspectivas de la violencia en América Latina. *Prosecur Research*, 08 ago. 2022.
- MISSE, Michel. Alguns aspectos analíticos nas pesquisas da violência na América Latina. *Estudos Avançados*. V. 33, n. 96, p. 23-38, 2019
- MOISÉS, J. A. Os Brasileiros e a Democracia: Bases sócio-políticas da legitimidade democrática. São Paulo: Ática, 1995. p. 58-59.
- NICOLAU, Jairo. Prefácio. In: LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A, 2018. 270 p. Tradução de: Renato Aguiar.
- NOGUEIRA, M. A. Das abas do livro. In: BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 171 p. Tradução de: Marco Aurélio Nogueira.
- PUTNAM, R. D. 1997. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- RENNÓ, Lúcio; SMITH, Amy; LAYTON, Matthew; BATISTA-PEREIRA, Frederico. *Legitimidade e qualidade da democracia no Brasil: uma visão da cidadania*. São Paulo: Intermeios, 2011.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Violências, América Latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 16-32, jul/dez 2002.